



## À procura de espaço na cena contemporânea luso-brasileira

Ana Raquel Fernandes

### 1. Introdução: à procura do espaço imaginado

Quando pensamos o espaço podemos considerá-lo na sua dimensão física e geográfica, relacionando o mesmo com uma área delimitada ou uma extensão, ou podemos associá-lo à categoria do tempo, sobretudo se tomarmos em consideração as suas dimensões subjetivas e discursivas. De acordo com Gaston Bachelard:

O espaço que tenha sido capturado pela imaginação não pode permanecer um espaço indiferente às medidas e estimativas do observador, passando a espaço vivido, não objetivamente mas com toda a parcialidade da imaginação. Possui uma particularidade, exercendo sempre uma atração pois concentra o ser nos limites que protege. No reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade nunca é um jogo equilibrado.<sup>1</sup> (Tradução minha.)

Considerando o espaço nas suas múltiplas dimensões (físico, mental e social), procura-se analisar o modo como este é representado na cena contemporânea luso-brasileira. Para o efeito, coloca-se em diálogo as seguintes peças: *António, um rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo, *Casas* de Miguel Castro Caldas, *Guarda-sol amarelo*, uma criação coletiva do Teatroàparte, *De quem sois?* de Ivam Cabral, *O solo do pianista morto* de Otávio Martins e *A coleira de Bóris* de Sérgio Roveri.

Em todas estas peças, com exceção de *A coleira de Bóris* de Sérgio Roveri, que será objeto de um breve comentário no final desta apresentação, a cidade é o espaço por excelência, surgindo imaginada e transformada de variados modos.

Começo pelos três textos portugueses selecionados e passarei de seguida aos textos brasileiros, iniciando assim um percurso do concreto para o abstrato, de peças em que o espaço, designadamente a cidade de Lisboa, é um motivo recorrente (é o caso de *António, um rapaz*

Ana Raquel Fernandes é professora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL) e Honorary Research Fellow da Universidade de Birmingham.

<sup>1</sup> Gaston Bachelard, *The Poetics of Space*, trans. by Maria Jolas, foreword by John R. Stilgoe (Boston, Beacon Press, 1994, c1964) xxxvi: "Space that has been seized upon by the imagination cannot remain indifferent space subject to the measures and estimates of the surveyor. It has been lived in, not in its positivity, but with all the partiality of the imagination. Particularly, it nearly always exercises an attraction. For it concentrates being within limits that protect. In the realm of images, the play between the exterior and intimacy is not a balanced one."

de Lisboa e *Guarda-sol amarelo*), a outras em que a cidade parece ser o palco dos acontecimentos, não sendo no entanto diretamente referenciada (é o caso de *Casas* ou até *O solo do pianista morto*), ou é referenciada, mas apenas enquanto cenário (*De quem sois?*, neste último caso é a cidade de São Paulo que é invocada). Por último, *A coleira de Bóris* invoca um espaço particular, uma cela numa prisão imaginada, e é um texto atípico no conjunto selecionado, mas pela sua singularidade é incluído neste percurso.

## 2.0 espaço e a cena contemporânea portuguesa: três exemplos

Tal como o título o indica, *António, um rapaz de Lisboa*, centra-se na personagem de António e na cidade de Lisboa dos anos 90. No prefácio à peça, Jorge Silva Melo refere o processo de escrita<sup>2</sup> e a importância de aproximar, através do uso da palavra quotidiana, o texto ao público contemporâneo:

Fazer um texto – um texto, um texto, um texto! – dos dias de hoje. Tão de hoje que até haverá partes em que as personagens verão a TV do dia e lerão os jornais da véspera ou desse mesmo dia. [...] Um texto de hoje com palavras de hoje. Um texto que não recuse o trivial perante o qual não podemos, cem anos depois de Tchekhov, hesitar.<sup>3</sup>

O espaço por excelência da peça é assim Lisboa, com início nas zonas limítrofes, o Aeroporto e a Encarnação, os Olivais (cena um), movendo-se para zonas mais centrais, como a

Praça de Espanha (cena dois), Campo Grande, Entrecampos, Areeiro, João XXI, Avenida de Berna, Aqueduto das Águas Livres, Estrada de Benfica, Jardim Zoológico, São Bento, Restauradores, Baixa, Praça da Alegria, Sete Rios, Príncipe Real, Bairro Alto, Avenida de Roma (cena quatro), com uma cena final simbolicamente fora de Lisboa, em Almada (cena 5). Pelo meio há toda uma cena (três) orquestrada em Sevilha, na vizinha Espanha. Mas toda esta dispersão de locais dentro e fora da cidade, mais do que uma imagem postal de Lisboa, revela um jovem protagonista em crise de identidade. Como explica Maria Helena Serôdio:

A António não cabe, todavia, o “espaço moral privilegiado” atribuível a um herói – épico ou trágico. Antes cumpre uma quotidiana rotina sem qualidades, uma deambulação pelas ruas e pelos afetos, a contradição exacerbada entre sobreviver e dever ser, o compadecido olhar sobre si próprio enquanto símbolo que uma geração em crise construiu para si no afundamento do sonho e do desejo.<sup>4</sup>

O espaço de Lisboa de António é portanto o espaço imaginado de uma juventude em crise, desiludida com a vida, sem perspectivas profissionais, em sucessivos desencontros amorosos, e frequentemente, tal como o protagonista, vítima da droga ou de outras substâncias evasivas. Através da personagem central da peça, da sua relação com outros, família e amigos, e da sua vivência do espaço que habita realiza-se um comentário a uma geração, a da juventude dos anos noventa. A cidade que nos é apresentada na peça é, na verdade, a Lisboa fragmenta-

<sup>2</sup> O texto foi elaborado num Seminário de Escrita Teatral entre 1 de Fevereiro e 14 de Março de 1995 e estreou no âmbito dos Encontros Acarte, no Grande Auditório da Gulbenkian, a 18 de Setembro do mesmo ano.

<sup>3</sup> Jorge Silva Melo, *António, um rapaz de Lisboa* (Lisboa: Edições Cotovia, 1995) 10.

<sup>4</sup> Maria Helena Serôdio, “Encenações do Real – A propósito de *António, um rapaz de Lisboa*” in *Caderno Vermelho*, n.º 3 (Outono/Inverno de 1996): 40-41.



da de António, filtrada pelas suas experiências. Ainda como refere Maria Helena Serôdio:

Por um lado, Lisboa, sendo lugar de referência ordenador que permite “reconhecimentos” vários, surge sobretudo numa multiplicidade de ruas e lugares, cujos nomes são ditos por vezes em sequências cerradas, quase em litania, figurando um labirinto urbano onde se perdem, cruzam e desencontram as pessoas. E o próprio protagonista não é “figura plena” no sentido de lhe ser atribuído um recorte psicológico, um objetivo de ação ou um fundamento de discurso confessional [...]. É antes um “lugar vazio” por onde acedemos a uma visão perplexa do real: é forma de entrarmos nos lugares de Lisboa, de observarmos as determinações e solicitações de uma existência que se não domina, de acompanharmos, enfim, uma quotidiana rotina sem qualidades [...].<sup>5</sup>

Oposta a esta imagem disfórica da cidade, invoco o espetáculo *Guarda-sol amarelo*, uma criação coletiva do Teatroàparte (grupo de teatro da ART – Associação de Residentes de Telheiras) com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira, recentemente em cena no Auditório da Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro (Telheiras, Maio de 2009). Trata-se de uma peça que explorando a realidade social associada ao espaço de um bairro como Telheiras durante os últimos anos comenta igualmente a história recente da democracia portuguesa. Tal como surge explicado no programa do espetáculo:

*Guarda-Sol Amarelo* é uma meditação sobre a cidade feita por 30 cabeças, 60 mãos, algumas miniaturas, umas maquetas. É sobre estarmos aqui. E é uma espécie de construção em andares da nossa história recente (os 35 anos desta democracia) feita em cima dos mapas emotivos das ruas por onde andamos.<sup>6</sup>

Inicialmente uma zona de expansão residencial, conhecida até à década de 90 por albergar jovens licenciados, sobretudo professores do ensino secundário e superior (daí ser conhecida como “aldeia de doutores”), Telheiras rapidamente se expande no sentido do Lumiar e de Carnide, diversificando a sua população e alargando a sua identidade. É essa mesma população, os residentes de Telheiras, que se reúne para momentos de criação e de fruição que tornam uma peça como o *Garda-sol amarelo* possível. Assim, esta peça concretiza um projeto de teatro social, tomando o espaço físico de Telheiras como ponto de partida e refletindo sobre a relação pessoal que se estabelece entre o residente e o espaço que habita e ocupa. De acordo com a reflexão de Tiago Lança em torno do espetáculo:

Se existe uma necessidade individual de nos colocarmos em perspectiva em relação aos outros, de nos caracterizarmos e diferenciarmos, o mesmo acontece, coletivamente, quando estamos inseridos num lugar específico ou numa cidade. Procuramos então, em conjunto, encontrar um espaço que nos represente e onde nos possamos expressar.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Maria Helena Serôdio, “Meditação sobre a cidade: o teatro segundo Jorge Silva Melo”, *Letras. Sinais (para David Mourão Ferreira, Margarida Vieira Mendes e Osório Mateus)*, org. Cristina Almeida Ribeiro et al. (Lisboa: Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999): 466-467.

<sup>6</sup> Programa do espectáculo *Guarda-sol amarelo*, uma criação colectiva com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira (Teatroàparte, Maio 2009) 1.

<sup>7</sup> Tiago Lança, “Telheiras, mon Amour” in *Le Monde Diplomatique* – edição portuguesa (domingo, 24 de Maio de 2009): <<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article498>> (27.06.2009).

Nas palavras do encenador, Gonçalo Amorim, o projeto pretendeu ser ao mesmo tempo um documentário, um *show* e uma conferência. O guião constituiu-se enquanto processo de construção coletiva e simultaneamente surgiu uma maquete, Telheiras em miniatura, Telheiras em palco, com a história de cada um para contar projetada num ecrã. Diz-nos a este respeito Frederico Lobo:

A maquete presente em palco torna-se um objeto guia, filmado e transmitido fora da sua escala, com uma transposição das suas ações minuciosas e detalhadas feitas para uma tela. São micro histórias pensadas, trazidas e vividas por cada um de nós, compostas de pequenos detalhes que levam à construção da imagem projetada. [...] Da mesma forma que se rompem escalas, rompem-se as linhas temporais: vemos e continuamos a imaginar como era. [...] Mais abstrata ou concreta a imagem torna-se então um catalisador de recordações que, em algum ponto, tal como numa cidade visível ou imaginária, se encontram e cruzam casualmente.<sup>8</sup>

O guarda-sol amarelo não é um mito, é uma realidade.<sup>9</sup> O grupo de pessoas que abriu um guarda-sol amarelo numa esplanada pública em Telheiras conseguiu trazer a cidade ao teatro, alargando deste modo o espaço de representação e demonstrando que de fato é possível “pensar a comunidade de hoje em dia” mesmo “numa cidade cada vez mais impessoal, invadida e abandonada todos os dias.”<sup>10</sup>

Mas esta não é a primeira peça encenada por Gonçalo Amorim para o Teatroàparte em que o teatro coloca a cidade em cena e neste movimento aproxima-o de quem está fora do ato de criação, mas faz parte integrante do mesmo, o público e o amator de teatro. *Casas de Miguel Castro Caldas* é então a peça que aqui surge como mais um exemplo de espaço imaginado e da problematização desse mesmo espaço. Diz-nos Gonçalo Amorim a respeito de ambas as peças:

Com *Casas* e, principalmente, com *Guarda-Sol Amarelo* tento colocá-lo [ao teatro] de novo nas ruas, na cidade e dentro das casas. Tento tratá-lo como uma coisa *que se pode fazer*. E que pode existir *entre* trabalho e lazer, para além do “profissional”, do “amador”, ou das categorias jornalísticas de circulação da arte enquanto mercadoria.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Programa do espectáculo *Guarda-Sol Amarelo*, uma criação colectiva com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira (Teatroàparte, Maio 2009) 14.

<sup>9</sup> No programa do espectáculo pode-se ler: “Há um guarda-sol amarelo na mitologia da Associação de Residentes de Telheiras, entretanto, tornado seu símbolo gráfico. Mas o mito do guarda-sol amarelo, difundido na pequena brochura, é também uma realidade materializada. Sempre que alguma coisa está para acontecer, há uma campanha em curso, ou se torna urgente gerar mobilização, os chapéus abrem-se nas esquinas de maior movimento.” Programa do espectáculo *Guarda-Sol Amarelo*, uma criação colectiva com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira (Teatroàparte, Maio 2009) 9.

<sup>10</sup> Cf.:Tiago Gil Batista, “Uma aldeia dentro da cidade” in *Semanário* – 2º Caderno (15 de Maio de 2009): <<http://teatroaparte.no.sapo.pt/semanario2009.jpg>> (29.06.2009).

<sup>11</sup> Programa do espectáculo *Guarda-Sol Amarelo*, uma criação colectiva com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira (Teatroàparte, Maio 2009) 4.



*Casas* estreou a 14 de Novembro de 2008 no Teatro à parte.<sup>12</sup> A peça cruza um mundo fantástico de contos de fadas com o universo imobiliário, resultando num texto poético cuidado, e simultaneamente numa crítica à sociedade materialista dos dias de hoje. Citando João Carneiro:

A peça de Miguel Castro Caldas dá estatuto de personagem a prédios, partes de prédios e elevadores, que contracenam com madrastras, porteiras, domadores, raparigas casadoiras, alemães que carregam nos erres e marujos que falam em verso, num universo e numa estrutura narrativa em que a noção de cronologia habitual é subtil. A reivindicação da propriedade do solo e a procura de um lugar para viver casam-se ainda, neste texto, com a chegada de um príncipe munido de um sapato de cristal que o guiará até à sua noiva, por acaso porteira.<sup>13</sup>

Ainda que ao longo da peça não haja uma referência a uma cidade em particular, a descrição e o cenário remetem o público para uma atmosfera citadina. Os problemas invocados, a importância do espaço, da propriedade, ou a falta dos mesmos parecem tocar o mais comum dos mortais. No entanto, a discussão destas temáticas é acompanhada por uma atmosfera onírica, onde se percebe bem a importância do espaço no imaginário de cada um e o modo como o espaço é fundamental para a capacidade de evasão do ser humano.

### 3. O espaço e a cena contemporânea brasileira: três exemplos

Não tendo registros suficientes sobre as encenações das peças brasileiras que pretendo comentar, terei de recorrer quase exclusivamente aos textos para aqui exemplificar alguns aspectos que me parecem pertinentes na relação destas peças com a temática discutida – o espaço e as suas representações na cena contemporânea.

Começo com a peça *O Solo do Pianista Morto* (2008) de Otávio Martins.<sup>14</sup> À semelhança de *Casas* de Miguel Castro Caldas, as referências a uma cidade em particular são inexistentes. O texto é um monólogo, iniciando com a enunciação do eu dramático (“Eu sou um ator”), enunciação essa em que a função de ator se confunde com a do contador de histórias: “Um ator é aquele ser humano que um dia se debruçou na tarefa de contar histórias para outras pessoas.” A história que este ator conta é uma história de dor, de solidão, de desencontro amoroso, de violência e de morte. No entanto, as interrupções/pausas são frequentes e rapidamente a história se torna apenas um pretexto para variadíssimas considerações sobre a arte de representar em geral. Também as referências ao trabalho de composição do pianista (aliás a didascália inicial indica que “O Homem está à frente de um piano. Fala para a platéia. Ao fundo, som de ensaio de orquestra.”) são uma metáfora para o trabalho de composição do dramaturgo, do ator e do dramaturgista, enfim, trata-se de uma metáfora sobre a criação. Deste

<sup>12</sup> *Casas* de Miguel Castro Caldas foi objecto de uma encenação anterior por António Simão para a companhia Teatro a Todos e estrou a 25/01/2008 no Centro Cultural de Belém – CCB, em Lisboa.

<sup>13</sup> João Carneiro, “*Casas* de Miguel Castro Caldas” in *Expresso – actual* (22 de Novembro de 2008).

<sup>14</sup> *O Solo do Pianista Morto* de Otávio Martins foi objecto de uma leitura encenada a 29.08.2008 no Grande Auditório do MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), no âmbito do projecto “Letras em Cena” (projecto criado em 2006 por Clóvis Torres e Marina Mesquita). Agradeço a José Simões por ter disponibilizado os textos ainda por publicar de Otávio Martins e de Ivam Cabral. O presente estudo foi apresentado no Seminário Internacional “Espetáculo/Cidade/Teatro: as Representações da Cidade entre o Espectáculo e a Cena Teatral Contemporânea Luso-Brasileira”, que decorreu de 1 a 3 de Julho de 2009 no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

modo, na peça abordam-se questões relacionadas com o teatro; questões de natureza material (“E esperamos ser pagos para isso”), questões de natureza artística, justapondo-se o trabalho/a experiência e o talento, realizando-se, por fim, o elogio do ator. Há ainda interpelação direta aos espectadores (reais e ficcionais), funcionando o texto a um nível meta-dramático pois está constantemente a invocar o espaço da cena, os seus intervenientes e os espectadores:

Eu gosto de olhar nos olhos dos espectadores. É engraçado: você sabe que não está prestando atenção em alguma coisa quando os olhos viajam pra dentro.

Como se aqui dentro tivesse um universo maior que aqui fora.

Como se houvesse aqui fora.

Quando eu vou a um concerto, ou uma peça de teatro, ou um filme, e de repente eu começo a prestar atenção na iluminação do palco, ou nas pessoas ao meu lado, ou ainda quando insisto em pensar em trabalho em plena diversão, eu sei que não estou ali.

O que dá uma puta raiva, você gasta dinheiro para se esquecer da realidade, mas ela não te esquece.

É seu corpo que está ali, mas você não, e por mais que queira, o que se passa à sua frente simplesmente não faz sentido.

O mundo fora de você não costuma fazer muito sentido, costuma?

Assim a pouco e pouco se revela que a relação entre o ator e o espaço físico onde este atua torna-se uma das questões centrais da peça. A capacidade de estar “aqui dentro” e de saber que há “um universo maior que aqui fora”, é essa capacidade de transcender o espaço físico na magia da representação.

De um modo diferente, a peça *De quem sois?* (2007) de Ivam Cabral problematiza a maneira como o espaço citadino opera sobre as personagens e as suas memórias. Tal como Vera de Sá explicita num e-mail que envia ao próprio autor:

É como um díptico, as duas solidões lado a lado, formando uma composição que tem sempre uma moldura estabelecendo a divisória. [...]. O silêncio recorrente é o que há de mais eloquente, o que cria a verdadeira tensão. Parece que quando falam, o importante é ouvir a própria voz, não a do outro. É quase um balbúcio de existência, como se limitassem a reciclar o quase nada.<sup>15</sup>

A peça conta com a intervenção de duas personagens (ele e ela) que se encontram na Praça da República, em São Paulo, Brasil, e falam, falam das suas memórias, das suas histórias. Mas à medida que as falas se sucedem fica claro que estas personagens dificilmente dialogam e que num espaço central e movimentado como o sugerido pela Praça da República, que constitui o cenário da peça, às quatro e meia da tarde, as personagens se encontram irremediavelmente sós, perdidas nas suas recordações, alienadas da metrópole e do contacto humano.

Finalmente, a ideia de alienação é levada ao extremo na última peça que irei aqui brevemente comentar. *A Coleira de Bóris* de Sérgio Roveri estreou no Espaço Satyros (em Julho de 2008) encenada por Marco Antonio Rodrigues (com Nicolas Trevijano e Rafael Losso). Na crítica que faz à peça, Helio Ponciano sintetiza a ação central:

[D]ois presos discutem suas opções de vida durante a noite. [...] O detento que está na

<sup>15</sup> E-mail de Vera de Sá enviado a Ivam Cabral, Segunda-feira, 19 de Novembro de 2007 (18:24).

<sup>16</sup> Helio Ponciano, “Vozes do Cárcere” in *Revista Bravo* (Julho 2008): <[http://bravonline.abril.com.br/conteudo/teatroedanca/teatroedancamateria\\_290698.shtml](http://bravonline.abril.com.br/conteudo/teatroedanca/teatroedancamateria_290698.shtml)> (29.06.2009).



prisão há mais tempo (interpretado por Nicolas Trevijano) já não sabe por que se encontra ali; o segundo (Rafael Losso) acaba de chegar, preso por tentar cruzar alguma fronteira proibida ou, segundo ele, ajudar outras pessoas a escapar para um lugar de vida mais venturosa. O primeiro, já vencido, descrê das mudanças; o outro não aceita o confinamento e quer fugir.<sup>16</sup>

O espaço da cela é descrito sempre de acordo com a percepção dos presidiários e realiza-se do seguinte modo:

A  
Mas isso não é motivo para desespero.  
Onde você está?  
B  
Aqui, ao seu lado. Eu acho.  
A  
Em que parte da cela.  
B  
No meio.  
A  
Exatamente no meio?  
B  
Acho que sim.  
A  
Parece que você não está prestando atenção no que eu digo. Você só vai sobreviver aqui se tiver alguma certeza. Vá exatamente para o meio da cela.  
B posiciona-se no meio da cela.  
B  
Estou no meio.  
A  
Abra os braços.  
B obedece.  
A  
Você consegue abri-los totalmente ou seus dedos tocam as paredes?  
B  
Eu consigo abri-los.

A  
Agora gire. Veja se você é capaz de dar uma volta inteira sem que seus dedos toquem na parede.

B (*fazendo o giro*)

Sim, eu consigo.

A  
Ótimo. Vai demorar mais para você entrar em desespero, então. Os que enlouqueceram aqui, aqueles que enlouqueceram mais depressa, eles não conseguiam abrir os braços totalmente. Isso é muito perigoso. É possível aguentar um tempo aqui dentro, desde que a gente não tenha a sensação constante de que está preso.

É fácil imaginar uma cela real, mas a cela invocada na peça é antes de mais uma cela imaginada, uma cela que ganha sentido com a história de Bóris, o cão que carrega metaforicamente os olhos da mulher cega e que morre envenenado. A cela da peça *A Coleira de Bóris* pode ser então interpretada como sinônimo da nossa incapacidade de vermos para além dos nossos limites ou dos limites que outros nos impõem.

\* \* \*

Para concluir e na tentativa de dar alguma unidade ao texto que construí reitero a importância que o espaço da cidade tem, explicitamente bem como implicitamente, na dinâmica da cena contemporânea luso-brasileira. O espaço surge como local físico invocado e transformado, imaginado de variadíssimas formas, palco de ansiedades, local de fuga e de denúncia social, espelho de identidades fragmentadas, tornando-se pouco a pouco em todos as peças invocadas mais do que cenário, uma entidade de dimensões incontornáveis.

## Referências bibliográficas

- BATISTA, Tiago Gil. “Uma aldeia dentro da cidade.” *Semanário* – 2º Caderno. 15 de Maio de 2009: <<http://teatroaparte.no.sapo.pt/semanario2009.jpg>> (29.06.2009).
- CABRAL, Ivam. *De quem sois?* (2007). Texto não publicado.
- CASTRO CALDAS, Miguel. *Comida. Casas. Repartição*. Lisboa: Artistas Unidos / Livros Cotovia, 2008.
- LANÇA, Tiago. “Telheiras, mon Amour.” *Le Monde Diplomatique* – edição portuguesa . Domingo, 24 de Maio de 2009: <<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article498>> (27.06.2009).
- MARTINS, Otávio. *O Solo do Pianista Morto* (2008). Texto não publicado.
- PONCIANO, Hélio. “Vozes do Cárcere.” *Revista Bravo*. Julho 2008: <[http://bravonline.abril.com.br/conteudo/teatroedanca/teatroedancamateria\\_290698.shtml](http://bravonline.abril.com.br/conteudo/teatroedanca/teatroedancamateria_290698.shtml)> (29.06.2009).
- PROGRAMA DO ESPECTÁCULO *Guarda-Sol Amarelo*, uma criação coletiva com encenação de Gonçalo Amorim e dramaturgia de Ana Bigotte Vieira. Teatroàparte, Maio 2009.
- ROVERI, Sérgio. *A Coleira de Bóris* (2008). Texto não publicado.
- SERÓDIO, Maria Helena. “Encenações do Real – A propósito de *António, um rapaz de Lisboa*.” *Caderno Vermelho*. N.º 3. Outono/Inverno de 1996: 39-42.
- \_\_\_\_\_. “Meditação sobre a cidade: o teatro segundo Jorge Silva Melo.” *Letras. Sinais (para David Mourão Ferreira, Margarida Vieira Mendes e Osório Mateus)*. Org. Cristina Almeida Ribeiro et al. Lisboa: Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999: 461-474.
- SILVA MELO, Jorge. *António, um rapaz de Lisboa*. Lisboa: Edições Cotovia, 1995.

### Outros websites:

<[http://www.youtube.com/watch\\_popup?v=yK35gZXFAI0](http://www.youtube.com/watch_popup?v=yK35gZXFAI0)> (Excerto da peça *A Coleira de Bóris* de Sergio Roveri).

**RESUMO:** Considerando o espaço nas suas múltiplas dimensões – física, mental e social –, o texto analisa o modo como este é representado na dramaturgia contemporânea luso-brasileira, e focaliza a importância que o espaço da cidade tem na dinâmica dessa cena.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço cênico; espaço e cidade; dramaturgia contemporânea.